

a pureza  
da pauta



a pureza  
da pauta

SERAPHIM PIETROFORTE

νεῦρον

Corrego

P626

Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim  
A pureza da pauta / Antonio Vicente Seraphim  
Pietroforte – São Paulo: Córrego, 2017. Série  
Neûron.

62 p.; 16 × 23 cm

ISBN 978-85-67240-79-4

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim. II. Título.

CDD 869.91

capa

Verônica Vox

diagramação

Rodrigo Bravo

Editora Córrego  
Av. São João 108 31  
Centro São Paulo SP  
01036-000  
editoracorrego.com.br

a pureza  
da pauta

(2012-2016)



# I

DEPOIS DE ALGUM TEMPO  
COM MARÍLIA, SERAPHIM  
PARTE NOVAMENTE EM SUA  
BUSCA.





DESCREVE SUA HESITAÇÃO  
DIANTE DOS MODOS DE AMAR EM ÉPOCAS PASSADAS

anjo no nome, Angélica na cara...  
isso basta?

em que mergulho agora  
como me afundo?  
se uma boneca fala...  
se você vem sempre aqui...  
sem madrigal  
sem violão  
sem modos para me apoiar

a noia já não cola  
mesmo se você dançasse  
aquela valsa, parece que caduca  
aquela lírica  
fóssil, difícil de fender  
alguma coisa hoje

ESCREVE MOTIVADO PELA FOTOGRAFIA VISTA  
NO ENCARTE DO CD DA CANTORA DESCALÇA

meu pensamento andará por onde você fica  
estática

azul  
parada na pose preparada

na maré  
desaguará conforme a altura da Lua  
azul marinho  
azul escuro

não andará por dentro  
mas bem mais embaixo do que você pensa  
por onde andará meu pensamento

AINDA SOZINHO, EM SUA UTOPIA, DEDICA  
UM POEMA AO AMIGO POETA MARCELO SAHEA

seria ao longe,  
aleatório?

por que não foi escolha,  
páreo?

porto, par,  
princípio de tudo?

de tudo o quê?  
manobra?

quem há de saber?  
mas qual?

UMA AMIGA SURGE EM SUAS “LEMBRANÇAS DE  
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 1”

faria jus?  
só se visse sua boca

uma boca de jura?  
de jura  
cheia de dentes  
faria como Judas:

- um beijo
- um conto enviado por e-mail
- uma passagem de ida para ver o tu-iu-iu

A MESMA AMIGA APARECE EM “LEMBRANÇAS DE  
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 2”

desculpe se insisto nisso...

em sua boca

seus dentes na memória  
feito Berenice  
só se fico louco

A AMIGA ESTÁ NOVAMENTE EM “LEMBRANÇAS DE  
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 3”

o que te espera no Brasil, além da chuva?

a cuca  
a onça  
um saci?

os crocodilos?

a modinha da Bachiana número um  
para orquestra de violoncelo...

uma mocinha miúda que anda de motocicleta

LEMBRA-SE DE UMA AMIGA DANÇARINA EM  
“RENATA E O FLAMENCO Nº 1”

1.  
a mim agrada fumar  
me agrada erva  
fumaça  
um pouco de Paco  
de palma  
de Camarón gritando marijuana

2.  
certo dia me disse um amigo flautista  
falava das doze notas da música dodecafônica  
das músicas de Lutero e Bach  
falou do flamenco  
disse que antes o homem não dançava  
cantava parado  
– as mãos nos bolsos do colete –  
que as moças dançavam descalças

3.

Renata te conta de onde tira tudo?  
concisa, te mostra como se divide  
o ritmo? como diverge com Renata?  
como se diverte ela quando tira  
ritmo de tudo tudo tudo tudo?

4.

algumas de flamenco?  
no mínimo uma bailarina

lá pelas seis horas da manhã  
ao som dos galos  
cigarra de Fá a Fá



5.  
pensa na palavra flama,  
plasma, pensa qual será  
o estado da matéria em chamas  
no poema que você  
coloca logo de cara

6.  
pala – imagino as pernas, caso você dance  
bala – me remete ao verde, cinza, tiro em sua direção  
mala – meu crime, lá você está presa, como nas fotografias  
fala – espaço para imaginar a voz, fonte de tudo  
vala – nota nova do latim vulgar

LEMBRA-SE NOVAMENTE DA AMIGA DANÇARINA EM  
“RENATA E O FLAMENCO Nº 2”

um apelo ao inorgânico  
ou abuso da pedagogia da perversão?  
educar os estímulos...  
leitura do sexo...  
o corpo leviano entrando no corpo da mulher amada,  
conhecimento por inteiro,  
no diário de sua inocência,  
um cotidiano atroz.  
a diversidade das escolhas;  
todavia, da minha morada,  
– a gaia ciência –  
às vezes, imitamos o pior.  
o próprio saber leviano...  
então pergunto, por que não?  
o canto choro,  
chão, para você dançar,  
parar o trânsito de um estado a outro.

UMA VEZ EM BRASÍLIA, DEPOIS DE FUMAR, MEDITANDO  
SOBRE A PROSTITUIÇÃO QUE VÊ NA CIDADE, AO REDOR  
DO HOTEL, COMPÕE “IMPRESSÕES DE BRASÍLIA Nº 1”

chego em Brasília  
da sacada do hotel consigo ver os prédios do Congresso Nacional  
lembranças do 11 de setembro e do meu teco-teco  
tanque que aponto em direção ao poder

(...)

um apito para o índio bruto!

fumo... marola... diante da lagoa...  
... ainda estou na sacada

resta a cama para adormecer à tarde

(...)

é noite, desço  
– escolho o prelúdio nº 1  
para violão, de Villa-Lobos –  
trilha que seleciono

aqui embaixo tudo é Pasárgada

há uma puta em cada esquina

aquela que admiro mais

(...)

épica  
virei o rosto para ver e confirmar

ei-la  
escolhida a dedo

óbvia  
mostrava o ventre quando voltei

(...)

o cabelo enrolado  
miragem da justiça cega  
cegonha, magra,  
o pescoço branco e claro  
justa  
curva vezes curva  
o vazio quando se insinua calmamente

(...)

cavalheiro  
teria sido fácil  
para ela, que estava tão difícil  
exótica  
só para poucos

AINDA EM BRASÍLIA, DA MESA REDONDA  
DO CONGRESSO DE POESIA, MEDITA SOBRE OS PÉS  
DESCALÇOS QUE UMA MOÇA DA PLATEIA COLOCA  
SOBRE O ASSENTO DA CADEIRA, DIANTE DE SI, EM  
“IMPRESSÕES DE BRASÍLIA Nº 2 – PRELÚDIO E CORDEL”

*(prelúdio)*

olhar para a plateia e pesco; a isca?  
ninguém imagina  
o que cada um procura?  
a mesa estabelece a cena, cenário bom de achar...  
o congresso gruta – algumas...  
a mesma que me delicia,  
ainda há pouco, quando estava ali – mais perto,  
porém mais torto,  
mais de acordo com ela.  
enquanto os outros falam,  
invoco alguma sobra acesa nos miolos;  
justo ela, agora tão sestrosa,  
tinha de colocar os pés descalços  
por cima dos encostos  
vagos das cadeiras da frente.  
fila? daí em diante  
só me lembro disso, só  
dela... só lembro dos pés.  
estabilizar a dança...  
pertença à moça que assiste.

*(cordel)*

quem há de dizer? parece  
dançando, como Isadora,  
que com a imagem das aves  
inteira se identifica.

todos os gestos da ave,  
os dedos, penas, as unhas,  
rentes, a linha dá forma  
às asas, quando se abrem.

gestos das folhas, dos voos,  
do voo dança da moça  
distráida; saberia  
ela... como saberia?

faz a dança sem saber  
que dança – o movimento  
dança vem de mim –. alcance?  
aquele que atiro a ela.

e dela? nada? apenas  
pose para descansar?  
então por quê? porque sim,  
porque precisa da causa...

fera na minha memória.



## II

SERAPHIM, PARA DESCANSAR,  
INTERROMPE SUAS BUSCAS  
E SE LEMBRA DOS ESTUDOS  
DE LINGUÍSTICA.



LEMBRA-SE DO AMIGO LUÍS VENEGAS E COMPÕE  
“O MONOGLOTA”, DEDICADO A ELE

o monoglota  
o monolítico  
o mono motor para fazer a volta

monocórdio  
para atormentar  
mono modulado  
o rádio  
a frequência limitada do miocárdio  
na hora de tamborilar os dedos na  
caixinha de fósforo

fosfato?  
foi-se na marola  
na monomania do macaco  
na pia  
no vaso  
no jardim onde descansa a monocotiledônea

RELENDO O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL,  
DE FERDINAND DE SAUSSURE, PERCEBE, NO LIVRO,  
ALGUMAS PASSAGENS BASTANTE POÉTICAS. INSPIRADO  
EM “HEGEL POETA”, DE HAROLDO DE CAMPOS, COMPÕE  
“SAUSSURE POETA N° 1”

alguém pronuncia a palavra nu  
para o observador superficial  
isso é apenas língua, palavra, coisa

examina atentamente  
nu são três ou quatro coisas  
perfeitamente diferentes:

considere a palavra como som,  
expressão da ideia,  
no latim, nudum

é o ponto de vista que cria o objeto  
antes de tudo  
uma das maneiras de considerar o fato.

PELOS MESMOS MOTIVOS DO POEMA ANTERIOR,  
COMPÕE “SAUSSURE POETA N° 2”

o papel da língua frente ao pensamento  
entre conceito e som  
união que conduz a delimitar unidades.

o pensamento,  
caótico por natureza,  
é forçado a ser preciso ao se decompor.

nem materialização dele,  
nem espiritualização do som,  
mas o fato, de certo modo misterioso,  
do pensamento-som implicar divisões;  
da língua elaborar suas unidades  
entre essas duas massas sem forma.

AINDA PELOS MESMOS MOTIVOS,  
COMPÕE “SAUSSURE POETA N° 3”

o ar em contato com a capa de água

a superfície da água se decompõe numa série de divisões

de vagas

são essas ondulações

esse acoplamento do pensamento com a matéria fônica

PENSA EM RETOMAR SUA BUSCA QUANDO,  
DIANTE DO RELÓGIO, SE DÁ CONTA DO TEMPO

cuco? ainda agora admirava  
a torre, recorte de uma medida  
de tempo, temperatura propícia  
para começar. alvo?  
defina imaginação ativa...  
pensava numa praça, era noite,  
o galo era memória de antes.





# III

AO TERMINAR OS ESTUDOS  
DE LINGUÍSTICA, SERAPHIM,  
COM DILIGÊNCIA, RETOMA  
SUA BUSCA.



AO COMPRAR HABITUALMENTE SUA MACONHA,  
REPARA NOS ENCANTOS DA FILHA DA TRAFICANTE

por que a filha da traficante é tão proibida?  
sei que ela é fina  
branquinha feito cera  
e a velha velará por ela na entrada.  
tão generosa  
facilitará o acesso, o ponto, a dose  
significa o ingresso.  
enquanto o prêmio dorme  
será poste  
atalaia;  
na frente lembra a bela –  
o paradoxo é olhar a velha  
e viajar...

VOLTANDO DE SUAS VIAGENS A MATO GROSSO DO SUL,  
LEMBRA-SE NOVAMENTE DA AMIGA JUCÉLIA E, AO  
LER O POEMA “AO REDOR DO QUAL”,  
DE JUAN GELMAN, COMPÕE “LEMBRANÇAS DE  
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 4”

ju de junho-julho  
que pode dizer  
a porta dos deuses entreaberta  
– no banquete, corresponde à hora da comédia –  
agora me remete ao ah!  
sua surpresa  
momento adequado para lembrar  
dos versos que te fiz

ju de gelosia  
harmonizada no i  
quem diria, saberia como nenhuma  
delas quando digo  
nada me faltará  
como no salmo  
deixa a luz entrar, mas vaga  
o suficiente para confundir  
e continuar  
pode dizer ciúme  
janela que você não mostra

ju de Jerusalém

a noite do deserto não é mais bela do que os teus cabelos  
a Lua nada é, diante da tua boca  
– meia Lua pronta para refletir  
deitada como barca, nave  
estátua de dimensão imensa  
espalhada na Ilha de Páscoa –  
nenhuma ilha te retrata tão bem  
nenhuma justiça te faz o céu

ju de jujuba

jujuba está no dicionário e quer dizer um tipo de planta  
vistosa, por isso a ramagem saindo do seu seio  
leite para as primeiras horas da manhã  
coragem,  
pois também significa goma, grude  
gosto bom de fruta fabricada  
e açúcar

ju de Júpiter

só me falta chover  
ser cisne, águia  
forasteiro aí, em sua cidade  
jumento a carregar Jesus  
coitado para imaginar:

ju  
de juta  
corda? para te amarrar?  
mas isso quer dizer fibra  
até seria citação de alguma coisa gótica, pode  
ser martírio para te agredir  
uma bruxa que arde com urgência

AO LER OS POEMAS DE UM AMIGO SOBRE UMA MOÇA  
CHAMADA ISADORA, AMIGA EM COMUM,  
RECORDA-SE DE OUTRA AMIGA

um moço me falava de uma moça via e-mail  
Isadora  
– quem me lê é óbvio  
aquilo que Isadora evoca –

mas o que Isadora de verdade tem é uma amiga  
dela te direi: é pérola  
sob seu casaco ostra  
sol amarelo ouro  
mesmo no amarelado rosto  
mira o que ela tem de fino nos dedos

## DEDICA UM POEMA A SUA AMIGA NATÁLIA

sempre te pensava vidro  
algo que se quebra facilmente  
por isso muito cuidado

serena  
teus olhos de vidro seriam para passear  
tão singela, que não há outra palavra para te descrever

no meio da valsa, entretanto,  
pois sonhei que tu estavas tão linda...  
algo de bater, campana, coisas de couro

curioso  
no mesmo instante já te vi vestida de vermelho  
Santa Bárbara, esteja pronta quando é motivo de veneração

bem mais venérea, par, parceira de alguns momentos  
íntima só de brincadeira  
pergunto se sua saia levanta enquanto você gira

feito dervixe?  
nunca,  
a nuca se insinua nua nos cabelos

Iansã, que desce nos terreiros,  
a porção de terra que faltava  
para você entrar descalça  
e o vento



APÓS O CAFÉ DA MANHÃ NA PADARIA ONDE VAI  
REGULARMENTE, REPARA NOS ENCANTOS DA MOCINHA  
QUE TRABALHA NO CAIXA

a pomba gira trabalha lá na padaria...  
mil molas miúdas desencaracolam  
queria ser seda para me enrolar nos seus cabelos  
duros de alcançar

a algazarra durante a primeira ceia da manhã  
festa quase santa de pão, manteiga, café  
expresso sem açúcar  
é como sacrificio o paladar em sua honra

em sua cor  
em sua fineza corriqueira de mocinha  
educada para ser gentil, certa  
Marte diante do Sol

DEDICA UM POEMA A SUA AMIGA VERA LÚCIA  
DEPOIS DE ALMOÇAR EM SUA COMPANHIA

fazer com Vera Lúcia um romance  
– peço a Santa Luzia que me permita ver  
o que estou fazendo

então por quê?  
porque não entendo bem o então  
vai ver enxergo nela algo que me agrada

alguma coisa além do cão  
do cachorro que passava ali, depois de um ano  
livro para Vera ler e pensar

observo assim as nebulosas  
a poeira não é mais acúmulo dos anos  
o universo repleto de poeira cósmica e de ondas  
ondas ondas de rádio

procuro a mesma moça  
sua canela afina, qual os ombros dados no decote  
coisas difusas passam por sua cabeça

será que fuma? qual a droga de Vera para me ver?  
chego meio cansado...  
nada de pedra, nem meio do caminho,  
essa falácia que broxa

DEDICA OUTRO POEMA A VERA LÚCIA,  
EM QUE MENCIONA O MOTE PROPOSTO A GIL VICENTE  
“MAIS VALE UM BURRO QUE ME CARREGUE,  
A UM CAVALO QUE ME DERRUBE”

Vera de mote?  
você sabia onde estava montando quando me acenou  
como se espantasse a mosca?

a mosca-dúvida, começo de tudo?  
longe disso, me refiro à mosca da cabeça branca  
aquela que não é um animal político  
apenas está pronta para se fundir ao teu DNA  
te deixa forte, mas fode com tua aparência

Vera de monte?  
escuta o zurrar do burro, o pinote, o coice?

agora é sabre, ferrão, até o burro te derruba  
você nem faz ideia, Vera,  
das cordas para te amarrar  
das moscas para te picar  
das dúvidas

PASSEANDO NO JARDIM ZOOLOGICO,  
REFLETE SOBRE SUA BUSCA

musas amiúde  
ao longe posso imaginar as portas dos Jardins de Hades  
oásis  
título interessante para uma peça de piano

mas é claro  
que eles se insinuem como paisagem  
disso eu sei  
basta estar diante dos quadros  
do quarto  
diante das dicas penduradas no teto  
dispersas por aí  
bem antes de eu chegar ao mundo

tão militante  
tanque, trator  
te espero na entrada do museu da Revolução  
em Havana, Cuba  
não tiro da cabeça a mocinha descalça  
desde Varadero

talvez signifique luz  
aquela que carrego desde que caí e que me deixa coxo  
harpia presa no viveiro  
passeio com você de braços dados no jardim zoológico  
não sabe como cabe tanto mato dentro do rinoceronte

PARA SUPORTAR ESTAR NO MUNDO,  
REFLETE SOBRE A MACONHA,  
OUTRA MUSA IMPORTANTE EM SUA VIDA

Ur  
fosse urro  
único apelo que ecoa  
escuta o ruído quase mudo  
não fosse fluxo  
foz  
rosa que me orienta

ajuda que não recuso com facilidade  
observa a Lua quando desvia a luz vinda do espaço  
a cor cai do céu como se fosse chuva  
onda difícil de verificar

mato  
aquela que me delicia  
preciso disso para me entusiasmar

POR FIM, É JUSTO INDAGAR SE A LÍNGUA É REFLEXO  
OU FONTE DE TODAS ESSAS COISAS

musas amiúde?  
pensa numa praça  
e na leitura surrealista do Marquês de Sade  
) eu acho que você não se decide  
se a linguagem é reflexo disso tudo  
ou é a fonte do desenvolvimento dessas coisas  
que passam por aqui  
para te capturar, rede  
estrutura para te definir (

# índice





07. I

- 09. anjo no nome, Angélica na cara...
- 10. o meu pensamento andará por onde você fica
- 11. seria ao longe
- 12. lembranças de Campo Grande – MS nº1
- 13. lembranças de Campo Grande – MS nº2
- 14. lembranças de Campo Grande – MS nº3
- 15. Renata e o flamenco nº1
- 18. Renata e o flamenco nº2
- 19. impressões de Brasília nº 1
- 23. impressões de Brasília nº 2

25. II

- 27. o monoglota
- 28. Ferdinand de Saussure poeta nº 1
- 29. Ferdinand de Saussure poeta nº 2
- 30. Ferdinand de Saussure poeta nº 3
- 31. cuco? ainda agora admirava

33. III

- 35. por que a filha da traficante é tão proibida?
- 36. lembranças de Campo Grande – MS nº4
- 39. um moço me falava de uma moça via e-mail
- 40. sempre te pensava vidro
- 41. a pomba gira trabalha lá na padaria...
- 42. fazer com Vera Lúcia um romance
- 43. Vera de mote?
- 44. musas amiúde
- 45. Ur
- 46. musas amiúde?

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte é formado em Português e Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; fez o mestrado, doutorado e livre-docência na mesma Faculdade, onde leciona desde de 2002 no Departamento de Linguística; atua nos cursos de graduação em Letras e nos seguintes cursos de pós-graduação: Semiótica e Linguística Geral; Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa.

Na área acadêmica, é autor de:

*Semiótica visual – os percursos do olhar* (1ª ed, Contexto, 2004; 2ª ed, Contexto, 2007);

*Análise do texto visual – a construção da imagem* (1ª ed, Contexto, 2007);

*Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações* (1ª ed, Annablume, 2008);

*Análise textual da história em quadrinhos – uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê* (1ª ed, Fapesp-Annablume, 2009);

*Enunciação e tensividade – a semiótica na batida do samba* (1ª ed, Annablume, 2010);

*O discurso da poesia concreta – uma abordagem semiótica* (1ª ed, Annablume, 2011; 2ª ed, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012);

*A significação musical* (1ª ed, Annablume, 2015);

*A significação na pintura* (1ª ed, Annablume, 2016);

*A significação na fotografia* (1ª ed, Annablume, 2016).

Na área literária, é autor de:

*Amsterdã SM* (romance, DIX, 2007);

*O retrato do artista enquanto foge* (poesias, DIX, 2007);

*Papéis convulsos* (contos, DIX, 2008);

*Palavra quase muro* (poesias, Demônio Negro, 2008);

*Concretos e delirantes* (poesias, Demônio Negro, 2008);

*Irmão Noite, irmã Lua* (romance, Dix, 2008);

*M(ai)S – antologia SadoMasoquista da literatura brasileira* (prosa e poesia, DIX, 2008), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso;

*Fomes de formas* (poesias, Demônio Negro, 2008), composta em parceria com os poetas Paulo Scott, Marcelo Montenegro, Delmo Montenegro, Marcelo Sahea, Thiago Ponce de Moraes, Luís Venegas, Caco Pontes;

*A musa chapada* (poesias, Demônio Negro, 2008), composta em parceria com o escritor Ademir Assunção e o artista plástico Carlos Carah;

*Os tempos da diligência* (poesias, [e] editorial, 2009);

*Menthalos* (história em quadrinhos, [e] editorial, 2010), composta em parceria com o artista plástico Jozz;

*O livro das músicas* (poesias, [e] editorial, 2010);

*Sara sob céu escuro* (romance, [e] editorial, 2011);

*Aos pés das letras* – antologia podólatra da literatura brasileira (prosa e poesia, [e] editorial, 2011), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso;

*Polifemo*, composto em parceria com Ana Cristina Joaquim (poesia, Córrego, 2014);

*Ernesto na Torre de Babel* (1ª ed, Annablume, 2016), composto em parceria com E M de Melo e Castro e Rodrigo Bravo.

Atualmente, escreve nos sites:

Pararraios Comics – [www.parraioscomics.com.br](http://www.parraioscomics.com.br) – sobre história em quadrinhos e semiótica;

Musa Rara – [www.musara.com.br](http://www.musara.com.br) – sobre literatura brasileira contemporânea;

Carta Maior – <http://www.cartamaior.com.br/> – sobre língua, literatura e ideologia.



esse livro é dedicado  
ao Rodrigo, à Vitória, à Tati,  
ao Josuel, ao Matheus, à Janaína  
e, é claro, à Lilli...



## A Lira Fractal de Seraphim Pietroforte

Rodrigo Bravo

Boa poesia é sempre poesia engajada. Não, porém, com as vilezas do mundo chão ou com os vãos desígnios da política – “a arte pouco interfere nisso”, como diria Glauco Mattoso –, mas consigo própria e com sua história. Se tangencia a realidade, louva e censura grupos e pessoas, expressa e causa sentimentos nos corações dos impressionáveis, fá-lo em segundo plano. Boa poesia é, por um lado, imitação, artifício, dolo e logro; é um adensamento (*Gedichtung*, como diria Vilém Flusser) do intelecto sobre si mesmo, que coage o pensar com novas regras e, em sacra relação com o indizível, expande a linguagem humana ao conferir-lhe novas possibilidades de significar a realidade. A verdadeira arte cria muros em torno da realidade insossa. A arte poética, assim como as demais, erige novas paredes para cercar o sentido, e cercar o sentido não é limitá-lo, mas fornecer novos elos para a corrente que aprisiona Prometeu ao rochedo. Poetizar é celebrar o esgarçamento dos limites da condição humana, que se mantém sempre limites, não importa o quão alargados.

Em seu anverso, a Poesia se engaja com a história. Não com a historiografia, a ciência de desvelar o passado, mas com sua história. A poesia que não dialoga com suas fontes, que não rearticula seu passado, produz expansão falsa e inautêntica da realidade. É a perigosa força destrutiva da salada de palavras, disfarçada de poesia inovadora, que cospe sequências de sintagmas e verbos a esmo, em profundo cisma com o intelecto. Seu Prometeu desacorrentado aparenta ser deus, mas seu destino nas mãos de Nubícogo Zeus espreita à esquina; a poesia desengajada de sua tradição crê ser mais do que a linguagem – que já nos é tudo! –, crê ser deusa de si própria. Cristã, portanto, com todos os males que isso acarreta. A poesia que se engaja e enfrenta a si própria, por sua vez, no diálogo com as bocas de seus arautos do passado, sabe ser incapaz de elevar o humano ao divino. Ela o torna *daímon*, intermediário entre deuses e mortais, entre o Nada e o Intelecto. A poesia engajada consigo faz (*poiei*, de *poiétes*) do humano *daimoníos* (numinoso), *diaboúlos* (propulsor). Faz

dele demônio e diabo. A boa poesia é satânica, inimiga de si própria, em eterna guerra com seu passado. A boa poesia é confronto: é o impassível cerco a Ílion na arena da linguagem.

Mas como ser Odisseu nesse cerco, se essa nossa contemporaneidade já revelou Ítacas 93 bilhões de anos-luz além de nosso globo agitado? Poder-se-ia dizer que, aparentemente, não há mais mares nunca dantes navegados, e que se percorreram todos os caminhos. Essa é, de fato, a resposta preguiçosa e perigosa. A única coisa que sabemos é o não-saber. A sensação de esgotamento advém da mesma culpa cristã e da falta de diligência do poeta ensimesmado, burguês e comezinho, que mergulha a poesia na temível e balbuciente sopa de letrinhas do pensamento. O poeta que se acha deus fixa como horizonte o próprio umbigo: daí que tudo já foi feito!; já o poeta diabo, ao fixar seu horizonte, mira um outro capeta e o enfrenta – tecem uma trama diabólica, uma horda de anjos caídos –. O poeta diabo *reigns in hell*, e caçoa de quem *serves in heav'n*.

As faces mais satânicas das artes verbais em língua portuguesa sempre foram aquelas que se engajaram, helenisticamente, com a experimentação: da agudeza narrativa de Machado ao esoterismo de Rosa, na prosa, e dos labirintos barrocos às revoluções do Modernismo, da PO:EX e do Concretismo, na poesia. Nosso exército de demônios marcha em formação Calimaquiiana e Alexandrina, ele rompe nós górdios criando novas formas de redizer o velho. *It keeps invention on a noted weed*, diria O Bardo. O advento das poéticas visuais, devido à força de sua máquina de guerra, pareceu ter apontado de vez o horizonte da batalha: E M de Melo e Castro, Augusto de Campos e Ana Hatherly aqui, são Legião. O *front* de batalha da poesia verbal, desde as revoluções das hordas Drummondianas e Mattosianas, parecia deserto. Discordo. A campanha de Seraphim Pietroforte segue no extremo desse horizonte, conquistando novos territórios para a arte poética e, conseqüentemente, para nosso diabólico intelecto.

*Pureza da Pauta* é um livro imerso num contexto literário no qual, mais do que nunca, é necessário que a poesia se engaje com sua própria história, e demonstre que ainda é possível se valer da singeleza e da diligência como instrumentos de revolução. Tarefas que o livro não apenas realiza, mas redireciona a novos paradigmas. É um trabalho que se encaixa como elo de nossa conversação combativa, e



anseia por ser enfrentado. Um livro para se refletir sobre, em ambos os sentidos da palavra “reflexão”. O primeiro se manifesta quando, ao aplicar o raciocínio até aqui exposto ao caso concreto, consideramos *Pureza da Pauta* no eixo da tradição da lírica: ele se torna a lente que espelha uma conversa o iniciada a mais de dois mil e seiscentos anos, chamada “poesia erótica”. Nesse sentido, o livro propõe um novo * thos* para o poeta tomado pelas paixões, até então restrito ao eixo catuliano da ânsia pelo amor irrealizado e do lamento do amor perdido. A poesia de Seraphim Pietroforte não aponta para o dilacerar excruciante de ódio e amor, nem para o anseio de cobrir sua Lésbia com milhares de beijos; ela nem sequer possui, como são ser no g nero, um objeto de desejo único (i.e. uma amada) que propulsiona a torrente de versos. Sua posi o   a do interregno entre relacionamentos, o momento de plácido respiro entre os assaltos da paixão. A busca a qual o autor alude em seu escólio   menos a busca por um novo amor após a perda, mas a busca por um estado sublime de solidão meditativa; um enamorar-se de si próprio, que permite dar vazão aos afetos da mente, e não aos do peito traiçoeiro.

Em *Pureza da Pauta*, o cérebro toma o lugar do cora o como órgão dos amores. Vejamos, o tempo do poema   o da lembrança especulativa,   o subjuntivo e o futuro condicional do pretérito (*faria jus? S  se visse sua boca*); Seraphim Pietroforte não se pergunta, como fazem Catulo e o Werther de Goethe, do porque se sente perdido no turbilhão dos amores, mas *por onde andará seu pensamento*.   poesia que não lê o vislumbre de Eros como desculpa para se esvaire em lágrimas, mas que reconhece o poder que há na imagina o como propulsora dos amores.   poesia *videodrome*, ama não a moça no encarte do CD, mas a composi o da fotografia; não deseja a filha da traficante, mas flerta com as contradi es as quais desej -la implica. Um amor complexo, como se pode ver, transmitido, no entanto, com versos leves, enxutos, parat ticos; não vemos aqui um falar desbragado, entristecido, dilacerado, mas a serenidade b dica de um falar contemplativo (*o paradoxo   olhar a velha/e viajar*). Seraphim Pietroforte não se engaja contra Catulo com deselegantes armas de destrui o em massa (como fazem os novos meninos chor es da poesia brasileira), mas com diplomacia e estratégia. Sua concep o do amor não se soma ao coro dos desesperados, mas   minoritária (porém

muito mais refinada) corrente de poetas que cultuam a face filosófica de Eros.

Não platônico, porém, como se poderia deduzir agora, é Seraphim Pietroforte. O poeta viveu o amor de outrora, que agora rememora: invoca as sensações do passado e as disseca por meio do verso. Não está perdido no *eîdos*, no prospecto, mas guia-se com cautela por entre as selvas do vivido; sua catarse é revisitar a bela lembrança dos pés de uma moça sobre o assento de uma cadeira, e pertencer-lhe novamente nesse efêmero momento de reflexão. Nesse enamorar-se solitário e contemplativo, o poeta forja aliança com as tropas de Safo de Lesbos.

Erroneamente enquadrada pela crítica pudica como “melancólica”, a rival das Musas é, muito pelo contrário, a poetisa que aborda a temática do amor por meio da memória. Seu *éthos* é o da mulher madura, que fita o passado e recorda os prazeres vividos, imbuída de eufórica nostalgia. Em um de seus poemas, o fragmento 95V (abaixo), Safo realiza seu tema de amor e memória com a descrição da lembrança de uma moça chamada Gôngula (supostamente, uma de suas discípulas):

ου

ἦρ' ἀ[  
δηρατ.[  
Γογγυλα.[

...Gôngula...

ἦ τι σᾶμ' ἐθεε.[  
παισι μάλιστα .[  
μας γ'εἴσηλθ' ἐπ.[

de fato algum sinal...  
...especialmente...  
[Hermes?] veio...

εἶπον· ὦ δέσποτ', ἐπ.[  
ο]ὐ μὰ γὰρ μάκαιραν [  
ο]ὐδὲν ἄδομ' ἔραρθ' ἀγα[  
καθάνην δ' ἴμερός τις [ἔχει με καὶ  
λωτίνοις δροσόεντας [ᾠ-  
χι[θ]οις ἴδην ἄχερ[

eu disse, “Ó Mestre...  
pela sacra [deusa]  
não encontro prazer em (?)...  
mas um desejo de morrer [me assalta],  
de vislumbrar as orvalhadas e  
cobertas de lótus margens do Aquer[onte]

[...]

[...]

Ainda que em estado fragmentário, o poema permite que retiremos dados importantes de sua composição. Pautando-nos por filólogos da estirpe de Denys Page (1955:86), por exemplo, somos levados a entender que Safo deseja a morte por estar possuída por um amor perverso, ou, no máximo, por querer estar de novo ante o amor perdido – análises rasas e desconhecedoras de seu moralismo –. Com o advento, no entanto, de teóricos como a americana Jane Snyder (1997), podemos ler o poema de Safo como uma prece ao deus Hermes Psicopompo (guia das almas ao mundo dos mortos) para que interceda em seu favor na empreitada de rememorar os amores do passado durante o ato da masturbação. Nessa leitura, o desejo de morrer (*katthánen d'hímeros tis*) ao qual a poetisa alude é aquele da *petite mort*, o do orgasmo, e as margens orvalhadas do Aqueronte cobertas de lótus (*lotínois drosóentas [ó- kh[th]ois íden Akher[ ]*) são uma metáfora para a vulva, úmida de prazer sexual. Snyder ainda adiciona que, para Safo o “desejo, conforme articulado no fragmento de Gôngula, não é uma tentativa frustrada de agarrar um objeto, da maneira que diálogos platônicos posteriores por vezes sugerem como definição, mas em vez disso uma experiência elevada daquilo que é belo, uma excitação enrubescedora provocada pelo movimento e pelo estímulo visual, um sentido ativo do engajamento repetido no qual aquele que deseja é movido a expressar seu desejo através da música. É um desejo não baseado na posse, mas na celebração.” (Snyder, 1997:45)

Dessa maneira, quando Seraphim Pietroforte articula suas memórias de episódios eróticos nos poemas “Lembranças de Campo Grande – Mato Grosso do Sul” e em “Renata e o Flamenco”, fá-lo não com o espírito do poeta desvairado e amalucado que não consegue lidar com a entropia dos relacionamentos de maneira saudável, mas com o mesmo desejo de celebrar a experiência elevada do belo que marca o paradigma sáfico de composição. O poeta não questiona, como faz Catulo, “aonde conduziste minha mente com tua culpa?” (*huc est mens deducta tua mea, Lesbia, culpa*), mas *chora o canto chão*, para que a amiga dance e pare *o trânsito de um estado a outro*; tampouco faz convites como “Vivamos, minha Lésbia, e amemos!” (*vivamus mea lesbia atque amemus*) ou imprecções como “não te disse, Pródice, que envelheceríamos/Que o solver dos amores chegaria?” (*ouk élegon, Prodíke; geráskomen? ou proephónoun: héksousin takhéos hai*

*dialysíphiloí?* - Rufino V.21), mas prefere observar de longe os pés da fera em sua memória e sacrificar o paladar em honra da moça do caixa na padaria. Frente a esses elementos marcantes, resta-me apenas concluir que o hedonismo, em Seraphim Pietroforte, é muito mais epicurista do que fescenino. Sua lira não vibra apenas em tons menores, mas se tensiona em harmonias que, por serem mais arraigadas no cerebral do que no cardíaco, permitem o encaixe de contrapontos mais variados e complexos.

Não apenas a leitura crítica de *Pureza da Pauta* evidencia as posições de Seraphim Pietroforte frente à poesia lírica. O próprio poeta reconhece sua posição nas falanges do hálux sáfico. No poema que abre o livro, cujo escólio nos indica a *hesitação diante dos modos de amar em épocas passadas*, Pietroforte, ressignificando Drummond, tem a poesia de amor velha por *fóssil, difícil de fender alguma coisa hoje*. Ele recusa os modos desbragados, as valsas caducas; questiona se bastam os versos de Gregório de Matos para a nova lírica. Antes de livro de poesia erótica, estamos diante de obra maximalista: obra que articula referências e dialoga com sua estrutura e coerções próprias. Essa consciência do artifício da linguagem, manifesta na recusa categórica aos modos confessionais e cardíacos de composição lírica, apresenta-se também, sobretudo, na seção intermediária de *Pureza da Pauta*: o interlúdio de reflexão sobre a linguagem (eis o segundo sentido do refletir), antes da retomada da temática amorosa, é um traço constante da poesia de Seraphim Pietroforte aqui elevado à instância de seção independente do livro. Nesse espaço consagrado a Hermes, o poeta aproveita para emular Haroldo de Campos, compondo a série “Saussure Poeta”, na qual realiza quebras de verso em excertos do *Curso de Linguística Geral*, conferindo-lhes nova intencionalidade poética. Por meio desse respiro entre as seções líricas, Pietroforte nos educa nos níveis de leitura de sua própria poesia: não devemos tomá-lo *prima facie*, buscando apenas depreender o sentido das palavras, mas sim dissecá-lo fonomorfofossintaticamente, tangenciando suas incursões nos diferentes reinos da linguagem. Mais uma vez, é justo reiterar: estamos diante de poesia neuronal, não de poesia cardiopata.

O ápice da reflexão sobre a linguagem e sua artificialidade, coincidentemente, se encontra disposto no último poema de *Pureza da*

*Pauta*. Nele, Seraphim Pietroforte conflita duas posições diferentes de interpretação da função da língua humana: a referencialista e a imanente. *Reflexo disso tudo ou fonte do desenvolvimento dessas coisas*, a linguagem é apresentada no cruzamento entre essas duas tensões. Uma leitura desengajada, nos termos aqui apresentados, poderia interpretar que a resposta não é dada pelo poeta, que a deixaria em aberto para a “reflexão do leitor”; Pietroforte, no entanto, bardo da lira fractal, não se deixa quedar em cima do muro na arena da poesia: a língua é aquilo que se manifesta em seu último decassílabo, uma *estrutura para te definir*.

## Referências

- FLUSSER, Vilém (2008). *História do Diabo*. São Paulo, Annablume
- FLUSSER, Vilém (2007). *Língua e Realidade*. São Paulo, Annablume
- OLIVA NETO, João Ângelo (1996). *O Livro de Catulo*. São Paulo, Edusp
- PAGE, Denys (1955). *Sappho and Alcaeus – An Introduction to the Study of Ancient Lesbian Poetry*. Oxford, Clarendon Press
- PATON, W. R (1960). *The Greek Anthology, vol 1*. Harvard University Press, Cambridge
- SNYDER, Jane McIntosh (1997). *Lesbian Desire in the Lyrics of Sappho*. Nova Iorque, Columbia University Press
- SAUSSURE, Ferdinand de (2012). *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix

Pureza da Pauta é uma realização  
da série Neûron  
produzida e organizada por  
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte  
e Rodrigo Bravo  
Grupo Neûron de Literaturas Experimentais

São Paulo, 2017